

HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NO CONTEXTO DO IFAM CAMPUS COARI

Valéry Nicolas de Brito Bacellar¹

Ercivan Gomes de Oliveira²

Jackson Mitoso Alho³

Manoel Góes dos Santos⁴

1 INTRODUÇÃO

As américas não foram ocasionalmente descobertas, isso é claro, mas invadidas por um “bárbaros civilizados” vindos de outros continentes, e no Brasil, não poderia ser diferente pois conforme o Instituto Socioambiental (ISA)⁵, com a chegada dos europeus, estima-se que a população indígena era de mais de 1.000 povos, com 4 a 5 milhões de pessoas, em um modelo próprio de sociedade.

Dentre os povos originários ameríndios, os astecas, maias e incas foram considerados os mais avançados na América do Norte, Central e parte do Sul, além de que todos estes povos originários detinham seu *modus vivendi*.

Em nossa realidade, a maior parte dos indígenas brasileiros vivem hoje na Amazônia Legal brasileira entre Parques Nacionais, Terras Indígenas (TI) demarcadas e, a demarcar. Dados oficiais do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), registrou que vivem na Amazônia cerca de 306 mil indígenas.

Embora muitas povos indígenas da Amazônia possuam contato com a cultura externa, exceto as os povos ainda isoladas, eles mantêm os principais de vida dos seus antepassados, pois vivem da arte, caça, pesca, extrativismo vegetal e da agricultura.

Deste modo, o lema “IFAM na comunidade e a comunidade no IFAM”, em observância à Constituição Federal de 1988 (CF/88), Estatuto do Índio, Estatuto da Igualdade Racial, reforçada pela lei nº 11.645/2008 que trata acerca do ensino da cultura e história afro-brasileira e indígena nas escolas, da Convenção nº 169 da OIT, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM),

¹ valery.bacellar@ifam.edu.br

² ercivan.oliveira@ifam.edu.br

³ jackson@ifam.edu.br

⁴ manoel.goes@ifam.edu.br

⁵ <https://www.socioambiental.org>

Campus Coari (CCO) busca implementar ações de políticas afirmativas, entre outras atuações.

O *Campus Coari*, por intermédio da Coordenação de Extensão, Estágios, Egressos, Projetos e Relações Comunitárias (COEX), Coordenação de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação (COPEPI) e da criação da Comissão do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI)⁶, vem desde 2015, realizando ações sistemáticas junto às comunidades indígenas e ribeirinhas no município de Coari, visando compreender a história e cultural dos povos originários amazônidas em sua relação com a Amazônia, Brasil e o mundo. A nosso ver a história dos povos originários deve ser contada pelos próprios indígenas brasileiros e, em seguida, ser repassada à comunidade interna e externa.

2 HISTÓRIA E CULTURA INDIGENA BRASILEIRA

Em 1500, ao chegarem ao Brasil, os colonizadores europeus encontraram os “índios”⁷ selvagens, só que muitas destas etnias indígenas, ou povo originário, possuíam sua própria civilização com cultura, religião e costumes próprios, viviam da caça, pesca e agricultura além de possuírem uma sinergia total com a natureza, pois dependiam dela.

FAUSTO (2012, p. 31), menciona:

(...) falamos em nascimento e descobrimento do Brasil. Chegou a hora de dizer que essas expressões se prestam a engano, pois podem dar ideia de que não havia presença humana anterior à chegada dos portugueses ao Novo Mundo. Estamos nos referindo obviamente à existência da população indígena.

Aos indígenas, os rios, fauna, flora e meio ambiente ainda são de extrema importância para a vida, motivo que até hoje chamam a terra de mãe e respeitam a natureza como irmãos.

⁶ Constituída em 21 de julho de 2015, Portaria nº 133 – GDG/CCO/IFAM, composta pelos membros docente Esp. Aguido Akell Santos Carvalho, docente Dr. Ezequiel de Souza, docente Me. Ygor Olinto Rocha Cavalcante, docente Esp. José Renan de Souza Belém e o T.A.E. Esp. Valéry Nicolas de Brito Bacellar.

⁷ Dicionário HOUAISS (2001, p.1605-1606), etimologicamente o termo índio provém “[...] de um equívoco de [Cristóvão] Colombo, que, ao tocar a ilha de Guana(h)ani, pensou ter chegado às Índias” e, etnologicamente, é o “que ou aquele que é originário de um grupo indígena e é por este reconhecido como membro”.

3 AÇÕES DO NEABI E IFAM CAMPUS COARI JUNTO AS COMUNIDADES INDÍGENAS E RIBEIRINHAS

Unindo-nos à nova história indígena, ou melhor, da teoria à prática, identificamos que o *campus* Coari necessitaria de uma maior aproximação junto às comunidades indígenas e ribeirinhas, lembrando o lema “o IFAM na comunidade e a comunidade no IFAM”, buscamos ampliar os eventos, projetos de extensão e pesquisa, reuniões, visitas e outras ações junto a estas diversas etnias indígenas.

Das ações principais, além de reuniões junto às representações indígenas locais, destacamos em 2016, a Mostra Histórica e Cultural dos Povos Indígenas do *Campus*, dando continuidade com a 2ª Mostra, em 2017, motivando a continuidade deste importante evento de consciência da causa indígena, devido ao apoio irrestrito do IFAM e da participação da comunidade interna e externa.

Assim, desde 2015 as coordenações do *Campus* e o NEABI, tem participado ativamente de reuniões e visitas junto às comunidades indígenas e ribeirinhas, além de estreitar parcerias com entidades representativas locais, como a Associação dos Professores Indígenas de Coari (APIC), União dos Povos Indígenas Coari Amazonas (UICAM), Associação das Famílias Indígenas Unidos de Coari (AFIUC), Associação dos Povos Indígenas Tikuna do Paraná Dururuá (APITPAD), além da sociedade civil, dentre caciques, cacicas, indígenas e ribeirinhos. Outros parceiros de entidades governamentais, destacamos a de João Mello, servidor e coordenador local da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

De nossas visitas institucionais *in loco* e parcerias, vale mencionar a que após visita técnica, o IFAM mobilizou a comunidade em uma Audiência Pública que resultou em proposta de cursos voltados ao primeiro setor, no caso, Recurso Pesqueiro e Agricultura.

Devido à nossa atuação institucional neste projeto, fomos convidados a participar de eventos locais e estaduais, tais como, ao encontro da Red Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), promovido pelo organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Cáritas brasileira, e via indicação do bispo da Diocese de Coari/AM, D. Marco Piatek devido às missões diocesanas que estávamos envolvidos.

Ainda, fomos convidados a palestrar sendo os únicos “não-indígenas, mas com sangue indígena” - dito pessoalmente por uma cacica-, na II Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena. Corroborando retro, também promovemos outras ações junto à comunidade interna, entre servidores, discentes e colaboradores, com Cine Debates acerca de filmes temáticos de Iracema, Pocahontas e Xingu.

Por intermédio de doação de entidades não governamentais e públicas, tais como, da 6ª Câmara de Coordenação e Revisão (CCR) do Ministério Público Federal (MPF), Defensoria Pública da União (DPU), FUNAI, e, entidades civis e religiosas, como o Centro Indigenista Missionário (CIMI), Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (IEPÉ), obtivemos vasta coleção de livros, revistas, documentários, mapas, gravuras e outros.

Os resultados alcançados no período de 04/2015 a 04/2017, podemos destacar principalmente avanços em:

1. Aumento de parcerias institucionais e comunitárias;
2. Criação e continuidade em ações afirmativas via reuniões, palestras, mostras culturais e cine debates;
3. Envolvimento dos servidores, discentes, colaboradores e comunitários acerca Educação em Direitos Humanos na temática de minorias étnicas;
4. Cumprir o lema “o IFAM na comunidade e a comunidade no IFAM”.

Quanto aos avanços apresentados neste período, podemos perceber que o *Campus* Coari cada vez mais vem buscando o diálogo intercultural ou multirracial, estreitando parcerias para fortalecer e preservar os costumes e tradições milenares dos povos tradicionais da Amazônia Legal, assim como do estado do Amazonas.

Registramos que o não há mais sentimento de pertencimento dos mais jovens ao ser perguntado se é indígena, tanto que em diversas ocasiões, para muitos jovens discentes e até adultos, soa como discriminatório o questionamento se o próprio pertence a alguma etnia indígena.

Este fato foi comprovado em diversas ocasiões, como nas mostras culturais que o *Campus* promoveu, sendo que, junto à comissão dos eventos reiteramos sempre o pedido de não ser caricato ou discriminatório na temática envolvendo indígenas, ribeirinhos e afro-brasileiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o exposto retro, salientamos que urge institucional, coletiva e individualmente conhecermos acerca as temáticas das minorias étnicas quanto a promoção de suas histórias, culturas, direitos e garantias jurídicas, além de irmos às comunidades indígenas e ribeirinhas para ouvir e tentar realizar suas demandas políticas, sociais e educacionais.

Sairmos de si e encontrarmos o outro, este já bastante estigmatizado, vilipendiado e irreconhecível historicamente é também nosso papel de educador, cidadão e ser humano sensível.

Rever a história e cultura indígena, não por imposição administrativa ou legal mas por reparação e reconhecimento histórico infligido aos povos originários brasileiros, começando pelo nosso município, estado, região norte, Brasil, Américas e mundo.

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos deuses indígenas, ao IFAM, em geral, aos representantes dos órgãos públicos, associações indígenas, organizações civis e religiosas, comunidades indígenas e ribeirinhas, e, a todas as pessoas que se dedicam à causa.

REFERÊNCIAS

FAUSTO, Boris. ***História do Brasil***. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.